

# Iraque hoje

Da Resenha Internacional do CCOMSEX – em 20.11.2003

**SINOPSE:** Em que pé estão as coisas. Fora do tenso triângulo sunita, o Iraque está exibindo um novo dinamismo.

*Por Terry McCarthy  
De Basra*

**N**o cais do porto de Abu Fulus, a 32 quilômetros ao sul de Basra, Bassem Saghair opera habilmente um guindaste enquanto descarrega unidades de ar-condicionado do porão do *Hussaini*. O navio é apenas um de uma dúzia que lota a zona portuária, que partiram de Dubai subindo o Rio Shatt al-Arab carregados de bens de consumo. Saghair, 15 anos, largou a escola para pegar este emprego, que paga US\$ 360 por mês, o dobro do mais alto salário que qualquer funcionário iraquiano recebe das autoridades de ocupação norte-americanas.

“A vida não é ruim”, disse Saghair, com um sorriso tímido se abrindo sob o início de um bigode. Abu Fulus, que significa “pai do dinheiro”, foi pouco usado durante o regime de Saddam Hussein, mas com o fim das sanções da ONU contra o Iraque e a não aplicação dos controles sobre importações e alfândegários, o porto se tornou um ponto de entrada não oficial de carros usados, aparelhos eletrônicos, roupas e alimentos. Não há autoridades do governo aqui e nenhum soldado bri-

tânico da guarnição de Basra. Mercadores andam de um lado para outro do cais, berrando ordens de compra em telefones por satélite, enquanto jovens vestindo jeans e carregando rifles AK-47 fazem a proteção contra os piratas que rondam o rio em lanchas. Assim como na fronteira norte-americana há um século, fortunas estão sendo feitas no Iraque quase da noite para o dia, e com a mesma falta de controle. Enquanto Saghair ergue uma carga de frutas do fundo de um porão, um coco cai da rede, errando por pouco a cabeça de um estivador. Quais procedimentos de segurança foram implementados? Ele sorri novamente ao responder: “Não há lei aqui.”

O Iraque é um país onde a falta de lei vem em muitas formas. Na forma mais letal, ela surge como um carro-bomba em Bagdá, nas emboscadas contra as tropas norte-americanas ao redor de Fallujah, nos tiroteios em Tikrit. Mas fora do mortífero triângulo sunita, a ausência de lei produziu um senso caótico de liberdade que deixa os iraquianos tanto empolgados quanto assustados. Para obter um qua-

dro mais claro das condições no Iraque como um todo – particularmente no Norte e no Sul, que têm recebido menos atenção da mídia –, a *Time* se associou à ABC News para percorrer todo o país, visitando mais de trinta cidades e conduzindo mais de seiscentas entrevistas com iraquianos de todas as camadas da sociedade. Nós encontramos contrastes dramáticos entre a Grande Bagdá e o restante do país.

A segurança, que quase todos os iraquianos dizem que é sua maior preocupação, é bem melhor no Norte e no Sul do que na capital. A eletricidade é muito mais confiável fora de Bagdá. Quase não há cortes de fornecimento de energia no Sul, uma região que frequentemente contava com seis horas ou menos de eletricidade por dia antes do início da guerra.

As escolas praticamente voltaram ao normal, e o comércio está prosperando com a inundação de bens vindos pelas fronteiras turca e kuwaitiana. A presença militar norte-americana no Norte e a presença britânica no Sul são menos visíveis do que a das forças estadunidenses em Bagdá e seus arredores. Apesar das emboscadas esporádicas, as tropas estrangeiras são toleradas pelos habitantes locais, que tendem a vê-las como um mal necessário até que um governo iraquiano viável seja empossado.

Há muitas queixas sobre o aumento do banditismo nas estradas, o ritmo lento da reconstrução, o aumento dos preços, a escassez de trabalho provocada em parte pela dissolução do Governo e Exército iraquianos promovida pelos norte-americanos. Mas quando as pessoas no Norte e no Sul foram perguntadas se a vida melhorou desde a guerra, a resposta, em árabe, geralmente é automática: *“Tab’an ahsan”* (“Melhor, é claro”). Na aldeia de Duluiyah, na região

central do Iraque, Abdel Fattah al-Juburi, um antigo opositor do regime de Saddam, disse sobre a ocupação: “É claro que estamos com o melhor dos dois males.”

No alto das colinas do Norte do Iraque se encontra a aldeia cristã de Alqosh. Após a derrubada de Saddam pelos norte-americanos, as melhorias foram sentidas quase imediatamente. Por 12 anos, Alqosh existia em uma área restrita entre o Exército de Saddam e a resistência curda. Um bloqueio de estrada do Exército fora da aldeia restringia severamente a viagem e a circulação de bens. Após a queda de Saddam, o bloqueio de estrada desapareceu. Agora as lojas da aldeia estão cheias de fregueses fazendo fila para compra de refrigeradores e aparelhos de televisão. *“Há muitas obras de construção agora”*, disse Salam Nissan Shamoun, o agente do correio. *“Antes, não conseguíamos nem mesmo trazer um único saco de cimento.”* A cerca de quarenta quilômetros ao sul fica Mosul, que foi semelhante revivida. Os mercados estão cheios de novos bens, os restaurantes ficam abertos até tarde e uma roda gigante bastante iluminada domina o parque de diversões às margens do Rio Tigre.

Apesar do setor privado iraquiano ter se adaptado rapidamente às novas liberdades pós-Saddam, a transição no setor público tem sido traumática e desajeitada, perseguida por promessas não cumpridas dos poderes de ocupação e pela impaciência do lado iraquiano. O Dr. Ghalib Shaker, diretor do Hospital-Escola Ibn Sina em Mosul, disse que o hospital carece de filme para raios X, soro e antibióticos, coisas que foram prometidas pelos norte-americanos vários meses atrás. *“São coisas simples”*, disse ele. *“Eu não sei por que não conseguem*

*resolver isto.*" Outros hospitais iraquianos também se queixam de falta de suprimentos, que é provocada pelos gargalos de distribuição em Bagdá e pela evacuação de muitas equipes médicas estrangeiras após o atentado de agosto contra o quartel-general da ONU em Bagdá.

A Autoridade Provisória da Coalizão reconheceu que o sistema de saúde do Iraque não está funcionando nos níveis pré-guerra, exceto talvez no Norte. Isto se deve em parte por 12% dos hospitais terem sido parcialmente danificados durante a guerra e 7% terem sido saqueados, segundo números da ONU.

As frustrações dos iraquianos são somadas pela expectativa elevada quanto ao que os ocupadores norte-americanos poderiam fazer. *"Nós estamos sob controle da maior superpotência do mundo"*, disse Abdulkhalik Thanoon Ayoub, administrador da represa de Mosul, *"de forma que as pessoas achavam que os Estados Unidos poderiam fazer qualquer coisa para restaurar a energia, construir novas casas, trazer o turismo, melhorar a vida imediatamente. Mas as coisas não mudam com o apertar de um botão"*.

Outro fator agravante é o orgulho ferido iraquiano. Shaker lembra que vinte anos atrás os hospitais iraquianos causavam inveja no mundo árabe. *"Na década de 1980, os jordanianos e os sírios vinham aqui - a este hospital - para se tratar, mas agora nem pensariam em trazer pacientes para cá."*

A medida que se segue rumo sul para o território sunita, o nível de descontentamento aumenta acentuadamente. Em Tikrit, a cidade natal de Saddam, as delegacias e prédios públicos estão altamente fortificados com sacos de areia e arame farpado, e no mercado a queixa universal é de falta de empregos.

*"O desemprego aqui é muito alto porque a maioria dos habitantes de Tikrit estava ligada ao antigo regime"*, disse Tahsin Mohammed, 30 anos, um ex-oficial militar. Ele disse que conhece um importante general da Guarda Republicana de Saddam que agora está vendendo cigarros.

Duluiyah, a cerca de meia hora ao sul de Tikrit, tem uma história especial. A aldeia já foi fonte de oficiais para o Exército, polícia e inteligência do regime de Saddam. Mas ela ficou em dificuldades após membros de sua tribo dominante, os jubur, tentarem derrubar Saddam em 1990. Muitos em Duluiyah ficaram otimistas quando os norte-americanos chegaram, mas cada melhoria na aldeia parece vir acompanhada por um revés. Inicialmente o fornecimento de eletricidade melhorou, mas então passou a falhar quando a manutenção sazonal das usinas resultou em perda de capacidade, além da entrada em funcionamento da estação de bombeamento de água próxima, que desviou grande parte da energia de Duluiyah. Graças às bombas, nunca saiu tanta água das torneiras, mas ela não é tratada e precisa ser fervida e descontaminada.

A escola local foi pintada recentemente, mas a empresa iraquiana contratada para fazer o trabalho roubou sua mobília. Bagdá, a oitenta quilômetros ao sul, é o coração das trevas do Iraque, um local de atentados suicidas e grande incerteza. Mas assim que se deixa o triângulo sunita, rumo sul, a sensação de ameaça diminui. A cerca de 160 quilômetros de distância fica Kut, onde ao meio-dia, Haltham Hillal e Ali Rath, dois policiais de trânsito, se sentaram para beber chá à beira do Tigre. Eles falaram com empolgação sobre seus novos salários: US\$ 100 por mês - cinco vezes

o que costumavam ganhar. Hillal e Rath estão cientes da violência em Bagdá, mas insistem que não há tal crise em Kut. O principal problema local, eles dizem, é o enorme aumento pós-guerra de casamentos, que tem provocado um aumento de acidentes com balas perdidas devido aos disparos comemorativos. Um terceiro homem, Hashem Ali, um ex-guarda de segurança, se juntou a eles e, repentinamente, surgiu uma discussão. *“Os iraquianos deveriam se orgulhar dos ataques em Fallujah”*, disse o recém-chegado, acrescentando que a segurança era muito melhor no governo de Saddam. *“Sim, nas valas comuns a segurança era perfeita”*, disse Hillal, algo para que Ali não teve resposta.

Os dois homens se encaram, mas quando foi dito a eles que sejam quais forem suas diferenças, eles nunca poderiam ter tido esta discussão durante o governo de Saddam, ambos sorriem e concordam.

Como Kut, Amarah, a cerca de 160 quilômetros mais ao sul, é uma cidade provinciana alvoroçada, agora sob controle britânico. No mercado central, os mercadores não se lembram de uma época em que os negócios foram melhores. O principal motivo é o aumento dramático de renda disponível, agora que a coalizão está pagando aos funcionários públicos entre US\$ 60 e US\$ 180 por mês. Antes da guerra, os professores ganhavam entre US\$ 5 e US\$ 10, os policiais ganhavam US\$ 20. Sabri Nama é um capataz de 54 anos do Moinho de Papel Amarah, fora da cidade. Ele está feliz com o aumento em seu salário mensal de US\$ 25 para US\$ 180. Como ainda não há eletricidade suficiente em Amarah para alimentar a cidade e a fábrica, o moinho de papel, que fechou durante a guerra, ainda não

reabriu. *“Os britânicos são lentos demais”*, reclamou Nama. *“Eles apenas fazem promessas, mas nunca terminam nada.”*

A cerca de 110 quilômetros a sudoeste, o Hospital Geral de Nasiriyah luta para atender a demanda. O outro hospital da cidade – usado como base para os milicianos iraquianos durante a guerra – está em ruínas. Ainda assim, Hassan Mahmoud, pai de um menino de 9 anos que sofre de dores de cabeça após uma queda de uma janela do segundo andar, está agradecido por uma coisa. No passado, disse ele, era preciso subornar médicos, enfermeiras e administradores para receber atendimento hospitalar. *“Agora você não precisa de dinheiro para ser atendido por um médico. Agora os médicos são honestos”*, disse ele.

Nas casas de chá de Nasiriyah, assim como em outros locais no Iraque, o aumento dos preços é uma grande fonte de reclamações. Na época de Saddam, o preço dos alimentos era tabelado. Com tais regulamentações não mais sendo fiscalizadas e com a entrada de dólares norte-americanos alimentando a inflação, os tomates subiram de 7 (centavos de dólar) para 42 (centavos de dólar) o quilo em Karbala. O aluguel de uma casa em Karbala, que era de US\$ 12,50 por mês antes da queda do regime, agora chega a US\$ 50. Em Hillah, os agricultores estão sofrendo com a triplicação do preço do fertilizante. Jarallah Ali, dono de um café em Nasiriyah, se queixou de que não pode mais comprar sua marca preferida de sabão porque o preço dobrou.

No Sul, onde se juntam os rios Tigre e Eufrates, fica Basra, quartel-general dos britânicos. A cidade sofreu alguns dos piores saques após a guerra, mas com mais de quatro mil policiais iraquianos agora nas ruas, a cidade está prati-

camente pacífica. Os muçulmanos xiitas, que eram perseguidos por todo o Sul por Saddam após seu levante em 1991, se viram livres para praticar sua religião sem interferência, o que propiciou uma sensação de bem-estar por toda a região. Semelhante à liberdade religiosa é a nova liberdade de informação. Os iraquianos lotam os cafés de Internet para ter acesso à rede, que era seriamente restrita pelos serviços de segurança de Saddam. Os especialistas autodidatas em computador Haider Kadhim, 22 anos, e seu irmão Mohammed, 25 anos, se estabeleceram como consultores de cafés de Internet, ganhando US\$ 500 pela consultoria de oito empresários até agora. *“O melhor da vida agora é a liberdade”*, disse Kadhim. *“Você pode dizer qualquer coisa, ir a qualquer lugar.”*

Mas a liberdade tem seu lado sombrio. Com todos os bens que vêm dos navios em Dubai e dos caminhões do Kuwait, as estradas que levam a Basra se tornaram alvos de banditismo. Aumentou o número de homicídios, já que algumas pessoas tentam acertar contas com antigos membros do regime. E no verão, extremistas xiitas explodiram lojas de bebidas alcoólicas pertencentes a cristãos.

Ainda assim, disse Hani al-Saadi, um ex-estudante de medicina de 29 anos que vende telefones móveis no centro de Basra, *“nós sabe-*

*mos que todo nascimento exige dor”*. Al-Saadi e sua família, que vivia na Jordânia, voltou para Basra, sua cidade natal, após a queda de Saddam para tentar tirar proveito das novas oportunidades. O exemplo deles reflete o sentimento de esperança compartilhado por um grande número de iraquianos. Apesar de muitos terem dito aos nossos repórteres que certos aspectos de suas vidas estão piores hoje do que antes da queda do regime, uma maioria disse estar otimista quanto ao futuro. Mesmo em Bagdá é possível encontrar elementos desta fé. A mudança de regime teve um alto preço para Ayad Abdul Kareem Muhssin, um engenheiro local. Durante o estresse da campanha de bombardeios norte-americanos, sua esposa, grávida do quarto filho deles, entrou em trabalho de parto prematuro. A filha recém-nascida deles viveu apenas poucas horas. *“Nós fizemos um sacrifício por esta liberdade”*, disse Muhssin, sem amargura. Por quanto tempo esta liberdade durará? *“Para sempre, eu acho. E estará melhor daqui um mês, e após um ano, muito melhor. É o que eu acho.”* ☉

Com reportagem de Hassan Fattah/Duluiyah e pelos repórteres da ABC, Jim Sciutto/ Kirkuk, Bob Woodruff/Nasiriyah e David Wright/Bagdá